



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM
E SEU VALOR SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO**

Clara Sousa da Silva

Rio de Janeiro

2021

CLARA SOUSA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM
E SEU VALOR SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português / Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2021

CLARA SOUSA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM
E SEU VALOR SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português / Literaturas.

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Lilian Vieira Ferrari
Faculdade de Letras – UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

S725c Sousa, Clara
 A Construção de Contraexpectativa com Bem e seu
 valor semântico-pragmático / Clara Sousa. -- Rio de
 Janeiro, 2021.
 47 f.

 Orientador: Diogo Oliveira Ramires Pinheiro.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Literaturas, 2021.

 1. Linguística. 2. Gramática de Construções. 3.
 Construção de Contraexpectativa com Bem. 4.
 Idiomática. 5. Intersubjetividade. I. Pinheiro,
 Diogo Oliveira Ramires, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Uma das consequências pouco discutidas de se acreditar no mito da meritocracia é o fato de que, necessariamente, se a pessoa acredita que os seus feitos são produto apenas do seu próprio mérito, ela pressupõe uma enorme falta de gratidão àqueles que a ajudaram ao longo do caminho – o que configura uma tremenda cara de pau. No meu caso, tive muita, muita ajuda, e por isso resolvi dedicar essa parte da minha monografia para fazer pequenas homenagens àqueles que foram importantes durante o pesadelo da minha graduação ou mesmo antes disso. Saliento que isso foi feito em um momento de imenso cansaço, em que o peso de quatro anos de curso está caindo nas minhas costas, me fazendo me sentir atropelada pela Millennial Falcon, se é que isso é possível. Por isso, já me desculpo por antemão, pois queria que meus agradecimentos fossem perfeitos, e talvez eles sejam apenas maravilhosos.

0.1 à raiz

Independentemente dos inúmeros cenários que podem acontecer na minha vida, eu tenho a sorte de ter um conjunto de pessoas que sempre foram e sempre vão ser fixas pra mim: a minha primeira família, a quem tudo de mim remete sem que eu faça esforço. Na minha vida, tudo às vezes é sonhos, devaneios, viagens e voos; mas por meio dessas pessoas eu me sinto confortavelmente ancorada e segura.

À minha pequena família, pai, mãe e irmão, eu agradeço primeiramente pela maior herança, que foi a infância. Tudo que se criou nesse espaço de vida eu ainda vejo, pelos seus reflexos, hoje – nessa idade adulta que eu construí não como separada da infância, mas como agregada dela. Obrigada a eles, pela saúde e pela educação – parece protocolar, mas a realidade é que acredito que essa é a grande dicotomia da minha vida –, pelas histórias e pelos mapas do tesouro, pelos livros, pelas idas à pracinha ou ao shopping, pelos animais e pelas brincadeiras. Ao meu irmão, obrigada pelos testes de paciência, foram muito importantes. E pelos jogos que a gente jogou juntos, apesar de que eu deveria dizer “de nada”, já que fui eu que introduzi ele nesse mundo. Mas agradeço principalmente pela companhia/parceria fraternal, que é especialmente diferente das outras. À minha mãe, obrigada pelos carinhos, pela preocupação e pela companhia. Que ela saiba que eu já encontrei muitas mães ao longo da vida; mas é muito gostoso saber dela como a *minha mãe* e saber que tem coisas que só ela faz e só ela é. Ao meu pai, obrigada por ser o criador da flor. Ele não faz ideia do artista que é, nem da obra que ele fez. Mas acho que um dia o mundo vai descobrir.

Eu tenho também uma dupla complementar de âncoras: madrinha e afilhada. À minha madrinha, obrigada por ter me dado a minha afilhada, e à minha afilhada, obrigada por me inspirar a ser igual a minha madrinha. E obrigada às duas por essa dinâmica engraçada. À dindinha, agradeço os conselhos, os parâmetros e a dedicação. E à Alice, agradeço pela gentileza e doçura de criança que não me deixa esquecer de mim.

Obrigada também à minha titia. Durante a infância, sempre vi ela como uma amiga como se fosse da minha idade. Hoje, ainda, ela é também uma amizade muito gostosa de viver. Eu e ela temos tanto em comum e eu fico grata simplesmente por ter ela comigo. Mas agradeço por todo apoio que sempre me deu, pelo carinho, pelas idas ao cinema, pelas conversas engraçadas e pelos alimentos nada saudáveis que a gente se junta pra comer.

Aos meus avós, também sou grata. Minha vó Neusa é o meu grande exemplo de doçura e de bondade, é muito bom me sentir querida por ela. Meu vô Zezé foi sempre o grande provedor das minhas vontades, me levando a tudo quanto era lugar e me trazendo tudo que era objeto de Bangu (tintas, quadros, lápis...), além, é claro, de ter sido um grande parceiro no cuidado com meus cachorros. À minha vó Ivanete também agradeço por ser tão prestativa e cuidadosa comigo, sempre se importando com meu bem-estar e alegria. Igualmente, agradeço ao vô Lourenço, por ter sido sempre um vô carinhoso e preocupado com aquilo que me faz feliz.

Por fim, agradeço à Shakira, minha primeira cachorra, que me escolheu como companheira fiel. Ela era o meu símbolo de infância e me ensinou o maior parâmetro de lealdade.

0.2 ao tronco

Apesar de essas categorias não serem muito fechadas – como uma boa funcionalista, sou fã da gradiência –, tem um outro grupinho de pessoas que eu posso dizer que é o daqueles que me engrandecem, que me sustentam e que me embalam. Colocando a minha vida em perspectiva, são eles os que estiveram no caminho do meu crescimento e que fizeram a estrada ser o que foi.

Primeiramente, agradeço às meninas que têm meu coração. Cacaia, que virou minha irmã – ou irmanhada, ou cunhirmã –, que já chorou muito comigo, mas também já riu de muita coisa boa e idiota também. Ela é a minha companheirinha da vida, com quem eu tenho planos de dividir os muitos anos que eu tenho pela frente. Ela virou amiga, fonte de conselhos e parceira de aventuras. Fico muito feliz por ela se importar comigo, me dar um ombro pra chorar

(eu e ela a gente chora muito) e por me proporcionar grandes momentos de diversão e de vergonha compartilhada.

Brendha, minha eterna parceirinha de pesquisa, que é a amiga que qualquer um sonharia em ter, mas acontece que sou eu que tenho. Ela, que esteve comigo durante quase toda a graduação, já dividiu muita aula boa, muita aula ruim e também muito perrengue comigo. Sou muito feliz por compartilhar os meus sonhos mais ousados com ela e por ela me enxergar como uma maluca que pode conseguir tudo o que quiser. Amo como ela me enxerga e amo como ela ama ser minha amiga.

Paula, que esteve longe de mim durante todo esse tempo, e nem por isso me deixou esquecida. Nossa amizade na escola sempre foi verdadeira, do jeito que não se encontra fácil. Ela também sempre me apoiou, dividiu momentos muito altos e muito baixos comigo e sempre foi um exemplo pra mim de mulher forte, incisiva, determinada e, ao mesmo tempo, carinhosa e atenciosa. Espero que ela entenda que eu sou muito grata pelo fato de nossa amizade ser uma constante na minha vida, pra sempre importante e singular.

Devo agradecer também à Diva, que também esteve longe nos últimos anos, mas cuja companhia continua sendo importante. Obrigada por nunca ter me abandonado, ou se esquecido de mim; e obrigada por ser parceira em todas as situações, inclusive no Netflix e na praia. Também dou meu muito obrigada às Winx, Dayanne, Sara e Paula. Quando damos nossas mãos, nos tornamos poderosas contra as forças do mal da Faculdade e somos capazes de derrotar quaisquer dificuldades nos textos de Linguística. Obrigada por fazerem o maior grupo de cientistas-fadas-heroínas do Brasil. Obrigada também ao meu casal preferido, Arthur e Sylvia, pelos momentos de descontração. Eles foram muito importantes pra eu lembrar que às vezes eu posso ser totalmente antiprodutiva, beber muito e falar muita besteira. Eles não fazem ideia de como isso é importante pra uma cientista.

Além desses amigos, preciso falar também das pessoas maravilhosas que encontrei por meio do Thiago, que deve estar bolado porque eu não agradei ele ainda. Calma que vai chegar sua vez. Primeiramente, agradeço à sogrinha do meu coração, Ana Paula, que foi uma musa pra mim ao longo desses anos. Uma inspiração de determinação, coragem e girl power, ela sempre fez de absolutamente tudo por mim: desde comidas gostosas, passando por conselhos, conversas, viagens, passeios e simples tardes de companhia até a aventura mais divertida da minha vida, que foi conhecer a porção de terra ao norte do México. A ela, e também ao Zé, que juntou com ela para potencializar ainda mais as coisas maravilhosas que a gente faz junto, eu agradeço imensamente de verdade à beça de montão MESMO. Além deles, deixo meu muito

obrigada à Nalda e à minha terceira vó, Tereza, que sempre me acolheram com muito amor pra dar e com muita comida gostosa também.

Quero agradecer também à Leida, a melhor psicóloga do mundo, por ser uma profissional tão incrível e por ter sido tão crucial na minha construção de mim mesma.

Outras figuras também são dignas de agradecimento, por terem me inspirado tanto ao longo desses anos. Primeiramente, agradeço ao Papai Noel, o espírito de Natal, que é a melhor época do ano depois do meu aniversário. Por falar em aniversário, agradeço também à instituição aniversário, porque não tem nada mais legal do que o dia 22 de junho, quando todo mundo vem me dar atenção. Além disso, obrigada aos filmes da Disney, especialmente Enrolados, Frozen, Aladdin e Star Wars, e também a Harry Potter – e obrigada também às músicas desses filmes, que são as melhores do mundo, me arrepio toda. Toda essa arte é muito importante pra mim, que vivo artistando.

Dentre tantas pessoas que foram importantes pro meu desenvolvimento, já era óbvio que um agradecimento especial aos meus professores seria necessário – afinal, é isso que eu estou me tornando por meio dessa graduação. Ao longo dela, essa figura do docente foi muito revista e questionada por mim, mas ainda acho difícil não enxergar meus professores da escola do jeito que eu os via antes – como meus super heróis, meus ídolos. Assim, agradeço a todos os meus professores do Colégio Militar, dentro dos quais destaco alguns. Alfeu e Gleice, que foram meu primeiro contato com a magia dentro da sala de aula. Glauco, quem deixou em mim a faísca da vontade de ser professora. Coronel Resende, que provou que a sala de aula pode ser leve e descontraída. Alencastre (ou Kleston), aquele que mostrou que a figura do professor pode também ser uma figura de amizade. Flavia, que me deixava apaixonada pela matéria e que me fazia sentir prazer em aprender – eu achava que ela fazia isso por meio da sua maravilhosa didática, mas depois percebi que era também por meio do amor que ela tinha por nós e pela sala de aula. Patrícia também levava todo seu amor pra sala, sempre me ajudou, em tudo que eu precisasse, e virou uma amiga muito valiosa que mora no aconchegadinho do meu coração. Maria, que nunca deixou de ser ela mesma em sala, me mostrando um exemplo de sinceridade, poder, carinho, determinação, companhia e amizade. Catia, quem me acompanhou tanto na escola quanto no estágio e por isso pôde ser responsável por me fazer tanto uma melhor aluna quanto uma melhor professora. Jorge, por quem eu sempre me senti acolhida, porque não tem abraço melhor do que o dele e porque eu sentia que ele sempre se preocupava comigo. Antunes, cuja aula era um misto de muito amor, de muita risada e de muito aprendizado tanto interessante quanto divertido. Denise, que era um exemplo de professora carinhosa e dedicada, vai pra

sempre ficar no meu coração. Greco, aquele que me inspirou a ser incisiva e corajosa pra defender o que eu acredito. Vinicius, que ensinou menos pras provas e muito mais pra vida.

Na Faculdade de Letras, também encontrei outras figuras que inevitavelmente moldaram a forma como vou ser professora e que inevitavelmente vão sempre ser lembradas. Agradeço em especial à professora Maura Cezario, meu primeiro contato com a Linguística, e que me fez ter certeza de que eu estava no caminho certo; à Nathalie, com quem eu adorava conversar ao final das suas aulas, em que eu descobria um mundo de coisas absurdamente interessantes; à professora Silvia Vieira, que também trouxe alguns dos conhecimentos mais valiosos e que foi muito prestativa e muitíssimo carinhosa comigo; à Lilian, a nossa verdadeira deusa da Linguística Cognitiva, que me abraçou no melhor grupo de pesquisa do Brasil inteirinho; à professora Regina Gomes, aquela que fez questão de ter comprometimento com seus alunos e aquela que trouxe pra mim a palavra da Variação; ao professor Carlos Alexandre, um ideal de didática e de solicitude; ao Alessandro, que, por meio da didática e do carinho, me fez transformar o baque que eu levei na disciplina dele em forças pra continuar estudando a coisa mais linda do mundo, que é a sintaxe; e ao Marcelo, que foi muito parceiro na monitoria, nos estudos e na extensão, me fazendo entrar em contato com muito conhecimento e experiência incríveis, e que foi um amigo com quem sei que posso contar.

Enfim, agradeço singularmente ao Diogo, que *se trata* do melhor orientador do mundo. Ele, que tem uma didática incrível, me proporcionou um maravilhoso pack de conhecimentos do País das Maravilhas Linguísticas. Tudo de mais divertido, tudo que mais me despertou curiosidade e paixão, ele me ajudou a conhecer e entender. Me orientou na aventura de explorar a Construção de Contraexpectativa com Bem, da qual eu saí com alguns arranhões (enxaqueca, tendinite, fome emocional, crise de ansiedade...) mas também muito mais inteligente e com muito mais conhecimentos. Apesar disso tudo, a importância dele pra mim não se dá apenas pelos conteúdos científicos que ele me ensinou: ele também trouxe muito carinho e paciência pra tarefa muito bem desempenhada de me fazer crescer pessoal e academicamente. Ao longo dos anos, a pequena cientista que vivia em mim – que com poucos anos de vida já tinha ousado sonhar ser pesquisadora e descobrir a cura do câncer e da Aids e de todas as doenças – foi se perdendo no meio da ilha dos meus medos e inseguranças. Quando eu cheguei na Faculdade de Letras, eu ainda não tinha reencontrado ela totalmente – e o Diogo me ajudou a fazer isso. Ele foi um grande companheiro na minha redescoberta do meu caminho. Me fez ter coragem de fazer o que eu amo, me fez ter certeza de que eu sou capaz de ousar, acreditou e investiu em mim sem pena, a todo custo. É por isso que ele é o meu grande professor. Ele me ensinou todo o tipo de coisa que eu amei conhecer e que certamente vão ser importantes pra mim para onde

quer que eu vá, o que quer que eu faça. Mas ele foi responsável por um feito ainda mais desafiador do que esse, que foi me ensinar o que eu sempre soube, me mostrar o que sempre estive na minha frente: que eu nasci pra ser cientista.

0.3 à seiva

Finalmente, chegou a hora de agradecer aqueles que alimentam a minha vontade de viver, aqueles que estão diluídos por todo o meu eu. São parte de mim, são também minha família escolhida, são meus melhores amigos, são aqueles que me ensinam, que me cobram, que me desafiam, que me inspiram e que me amam.

Minhoca, a melhor visão que eu tenho durante as tardes. Ela chegou num momento baixo. E chegou me desafiando, me testando e, às vezes, me colocando ainda mais pra baixo. E assim fez exatamente as coisas de que eu precisava: me mostrou que eu não tenho controle sobre tudo, me tirou do meu planejamento e, ainda assim, me fez querer planejar uma vida com ela. Obrigada a ela, por me motivar e me inspirar a viver.

Paralelamente, a outra metade dessa seção é dedicada também àquele que é a surpresa da minha vida. Se a Minhoca me tirou dos meus planejamentos, Thiago, você explodiu eles em pedacinhos. Você chegou na idade, no lugar e do jeito que eu não calculei. E chegou me trazendo uma paixão tão grande e me deixando tão embaçada por ter te conhecido, que eu me senti feliz em me desfazer de todos os meus planos, que passaram a parecer idiotas e sem sentido.

Você tem melhores indiosincrasias do que as dos personagens da Disney. Eu amo que você é espontâneo com as palavras, e que eu já sei disso, mas eu sempre me assusto com as coisas que você fala. Também amo que você pensa tão igualzinho a mim, mas por algum motivo resolveu ser gerativista – a verdade é que o jeito que você acha que a língua é um sistema de computador é muito atraente. Eu sou apaixonada pelas suas declarações de amor, que nunca são doces, flores, perfumes, mas sim pedaços de caneta, de papel higiênico, de canudo. Obrigada por me fazer me sentir a pessoa que te faz ver o amor na ordinariade do dia a dia.

Foi muito gostoso, ao longo desses anos, ter a companhia de quem me entende. Sou grata pelos filmes que a gente assistiu e discutiu juntos, pelas músicas instrumentais que a gente ama ouvir no carro e pelo nossos gostos culinários tão parecidos, já que ambos temos muito bom gosto. Também por a gente sempre dividir as nossas avaliações de roupas e de decorações de casa. E também, principalmente, por a gente dividir um amor enorme por ciência e pela

Linguística. Dentre todas essas coisas, a melhor delas é ter um parceiro pra dividir o meu grande sonho da vida, que é fazer ciência.

Também agradeço a você pelo nosso crescimento emocional. Obrigada por sempre ter me ouvido e me ajudado nos meus momentos ruins, por ter se comprometido comigo, e, assim, por ter crescido, mudado, amadurecido. Eu nunca vou saber totalmente o quanto esforço você fez por mim nesse sentido, e nem tem como. Tudo bem que eu consigo ler sua mente às vezes – já são 12 anos convivendo contigo –, mas essa é uma luta sua e que entendo que tenho que respeitar enquanto sua. Mas você é o homem que demonstra um amor além-futebolístico por mim, que me pediu em casamento com o anel perfeito pra mim e que deixa claro que não quer viver seus sonhos sem mim. Eu já entendi que eu sou sua Leia e você é meu Han, e já entendi que você ficaria congelado em carbonita por mim. A gente se ama e a gente sabe disso. E, seja lá o quão grandes foram os esforços que você fez por mim, eu sei que eles foram enormes, porque todos os sentimentos que a gente tem um pelo outro são gigantescos.

Eu te amo absurdos. É um amor tão grande quanto todas as estrelas da morte juntas. Só que, nesse caso, pode vir gente da galáxia inteira lutando contra a gente. A gente não vai ser destruído.

0.4 à flor

Depois de todo o discursinho antei-meritocracia, venho agora agradecer a mim mesma pelos meus feitos. Claro que a flor não seria a flor sem o resto, mas só a flor é, de fato, a flor. Essa figura mágica, que brilha e que sonha. Eu sou grata a mim mesma por ter sido resiliente, insistente e determinada mesmo nos momentos de mais cansaço, estresse e tristeza. E, principalmente, por assumir esse eu que tem sonhos fartos e que luta furiosamente por eles. Obrigada a mim mesma por se esforçar e conseguir me amar e por ter paciência comigo quando as coisas não saem do jeito que eu planejei. Espero, apenas, que, nos agradecimentos da minha dissertação, eu possa ter o prazer de me agradecer por ter me permitido descansar, descontrair, não fazer nada e ser antiprodutiva. Mas talvez esse seja só mais um planejamento que vai me surpreender dando totalmente errado.

Um dia aprendi que sonhos existem para tornarem-se realidade. E, desde aquele dia, já não durmo para descansar. Simplesmente durmo para sonhar.

Walt Disney

Porque nos sonhos entramos em um mundo inteiramente nosso. Deixe que mergulhe no mais profundo oceano ou flutue na mais alta nuvem.

Albus Dumbledore

RESUMO

SOUSA, Clara. *A Construção de Contraexpectativa com Bem e seu valor semântico-pragmático*. 2021. 47f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Português / Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

A literatura reconhece, no português brasileiro, uma diversidade de usos do item "bem". Ele pode ser utilizado como advérbio de modo, como advérbio de intensidade e como marcador discursivo, por exemplo. No entanto, um uso particular desse item chama atenção por não ter sido, até hoje, abordado por nenhum trabalho. Estamos falando da sua atuação em frases como "Eu bem vi seu ex na rua ontem" ou "Eu bem queria virar jacaré". A proposta desse trabalho é, então, investigar esse fenômeno sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006). Adotando essa perspectiva, propomos que todos esses usos do item "bem" são instâncias de uma construção mais abstrata, a Construção de Contraexpectativa com Bem. Especificamente, neste trabalho, trazemos uma proposta de generalização para seu polo semântico, qual seja o valor de contraexpectativa. Defendemos que a construção é usada para marcar o cálculo do falante de que o interlocutor não espera ouvir o que foi dito. Assim, utilizando um método qualitativo-interpretativo de análise de dados reais do uso linguístico, procuramos relacionar, detalhadamente, os usos dessa construção com o valor semântico-pragmático apontado.

Palavras-chave: Gramática de Construções; Construção de Contraexpectativa com Bem; Idiomaticidade; Intersubjetividade.

ABSTRACT

SOUSA, Clara. *A Construção de Contraexpectativa com Bem e seu valor semântico-pragmático*. 2021. 47f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Português / Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

The literature in Linguistics recognizes, in Brazilian Portuguese, a diversity of uses for the item "bem" ('well'). For instance, it can be used as an adverb of manner, as an adverb of degree and as a discourse marker. However, a particular use of this item stands out since it has not been accounted for in any work so far. We are referring to its operation in sentences such as "Eu bem vi seu ex na rua ontem" and "Eu bem queria virar jacaré" (literally translated to English as 'I well saw your ex on the street yesterday' and 'I well wanted to turn into an aligator', respectively). The aim of this work is to investigate this phenomenon within the framework of Usage Based Construction Grammar (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006). We argue that all similar uses of the item "bem" are instances of a more abstract construction, which we call Counter-expectation Construction with Bem (CCB). Specifically, in this work, we point out for a generalization in its semantic pole, in which resides the sense of counter-expectation. In other words, the construction is used to mark the locutor's assumption that the listener didn't expect to hear what was said. Via a qualitative interpretative method of analysis of actual linguistic data, we looked for establishing a detailed relation between the uses of this construction and the semantic-pragmatic sense proposed.

Keywords: Construction Grammar; Counter-expectation Construction with Bem; Idiomaticity; Intersubjectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
2.1 Gramática de Construções Baseada no Uso	19
2.2 Estrutura Informacional	21
2.3 Teoria dos Atos de Fala	22
2.4 Teoria das Implicaturas Conversacionais	24
2.5 Teoria da Polidez	26
3. METODOLOGIA.....	29
4. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM	30
4.1 Proposta de generalização: o valor de contraexpectativa	30
4.2 Uso 1: quebra de expectativa em relação ao conteúdo proposicional.....	34
4.3 Uso 2: quebra de expectativa em relação a normas de comportamento interacional	35
4.3.1 Uso 2a: quebra de expectativa em relação a normas de polidez.....	35
4.3.2 Uso 2b: quebra de expectativa em relação a normas de cooperação conversacional.....	37
4.4 Implicações teóricas	38
5. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
APÊNDICE	44

1. INTRODUÇÃO

No português brasileiro, diferentes significados e usos do item “bem” têm sido reconhecidos pela literatura: basicamente, ele tem sido tratado como advérbio e como marcador discursivo. No que se refere à função adverbial, as gramáticas tradicionais – como Cunha e Cintra (2016, p. 557) – postulam que ele pode expressar semântica de modo, como em (1), e de intensidade, como em (2).

(1) Ele fez o trabalho bem.

(2) Joana está bem cansada.

A afinidade entre esses dois tipos é capturada por Ilari e Neves (2008), que, em uma categorização alternativa, classificam ambos como pertencentes à categoria dos advérbios predicadores. No entanto, na proposta dos autores, há a postulação de um terceiro uso do item “bem”: aquele em que ele tem função de focalizador, com semântica semelhante à da palavra “exatamente”, como em (3). Nesse caso, os autores o classificam como advérbio de precisão – uma categoria que, por sua vez, se insere na classe mais ampla dos advérbios de verificação.

(3) O meu carro está bem ali.

Já no tocante ao uso do item “bem” como marcador discursivo, temos aqueles casos em que ele é utilizado para preparar o raciocínio no início de turno (DETOGNE; LUQUETTI, 2014). É possível observar isso, por exemplo, em (4).

(4) Bem, como eu estava dizendo, a situação é um pouco complicada...

Parece haver, entretanto, um certo uso do item “bem” que não corresponde a nenhum dos significados ou funções elencados acima, como pode ser visto nas seguintes frases:

(5) Seu zíper bem tá aberto.

(6) Poxa, o menino do Zé bem tinha consulta hoje no oftalmo.

(7) Minha mãe bem tem ciúme dela.

(8) Você bem podia me fazer um carinho.

Antes de nos atermos a qualquer exploração de natureza teórica, é possível fazer uma análise mais informal desses exemplos, de modo a, com efeito, evidenciar o fato de que não se assemelham àqueles dos exemplos (1-4). Como se observa, nos exemplos (5-8), o item “bem” não expressa os valores adverbiais de modo, intensidade e precisão e não desempenha a função de preparar o raciocínio em início de turno. Na verdade, em (5), podemos depreender que um alerta está sendo feito, já que o falante está chamando a atenção do seu interlocutor para algo que pode gerar constrangimento. Em (6), diferentemente, o falante parece estar se lamentando pela ocorrência de algum evento indesejado. Em (7), podemos interpretar que está sendo feita uma fofoca, talvez porque o interlocutor esteja recebendo uma informação que causa surpresa ou mesmo grau elevado de interesse. Por último, em (8), há a interpretação pragmática de que há um pedido sendo dirigido ao interlocutor.

A questão que emerge a partir da observação desses dados é a de que, embora seja claro que os exemplos (5-8) são distintos daqueles usos amplamente reconhecidos pela literatura¹, ilustrados por (1-4), não é imediatamente claro (i) se todos eles podem ser reduzidos a um valor semântico-pragmático comum e (ii) em caso positivo, qual seria esse valor. A partir dessa constatação, elaboramos, paralelamente, as duas perguntas que nortearam nossos estudos: (i) todos os usos do item “bem” análogos aos ilustrados em (5-8) podem ser reduzidos, a despeito da diversidade de funções pragmáticas desempenhadas, a um mesmo valor semântico-pragmático estável subjacente?; e (ii) em caso positivo, qual seria ele?

Este trabalho objetiva responder essas perguntas à luz do quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010). Especificamente, sustentaremos que (i) todos os usos análogos a (5-8) devem ser entendidos como manifestações de uma mesma construção gramatical subjacente e que (ii) o valor semântico-pragmático especificado no polo funcional dessa construção gramatical é o de contraexpectativa – de modo que a denominamos Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB).

Assim, estando claros nossos objetivos e hipóteses, discriminamos a seguir uma organização para este trabalho. O próximo capítulo tem como proposta apresentar o arcabouço teórico de que nos valem para costurar nossa argumentação. Sendo assim, além de uma explicitação dos pilares da Gramática de Construções Baseada no Uso, nossa principal

¹ Monteiro (2002) faz referência ao uso de “bem” que é investigado nesse trabalho, observando que o item veicula uma ideia de contraexpectativa. Além disso, menciona que Martelotta e Alcântara (1998 *apud* MONTEIRO, 2002) o classificaram como marcador de veracidade, “uma vez que está mais voltado para as expectativas do ouvinte em relação ao que está sendo falado, do que para a estrutura sintática interna da cláusula”. No entanto, não encontramos trabalhos que aprofundem a análise desse objeto de estudo para além disso.

referência, trataremos também de teorias clássicas de pragmática – a saber, a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1965), a Teoria das Implicaturas Conversacionais (GRICE, 1975) e a Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1988) – e do modelo lambrechtiano de tratamento da Estrutura Informacional (LAMBRECHT, 1994). Na sequência, o capítulo 3 discute a metodologia utilizada aqui, que envolve, fundamentalmente, uma análise qualitativo-interpretativa de dados reais de uso linguístico. Já no capítulo 4, trataremos da nossa proposta de generalização para os usos da Construção de Contraexpectativa com Bem, além de propor uma tipologia para eles. Por fim, o nosso último capítulo pretende sumarizar tudo o que terá sido dito aqui, concluindo nosso trabalho e apontando para desdobramentos futuros.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Gramática de Construções Baseada no Uso

A Gramática de Construções (GC) é um modelo de arquitetura gramatical – isto é, ela se propõe a oferecer um modo de representação do conhecimento linguístico armazenado na mente do falante. Especificamente, a proposta do modelo é a de que a totalidade desse conhecimento é composta por uma rede de construções gramaticais, as quais podem ser definidas como pareamentos de forma e significado.

Nessa perspectiva, entende-se que palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos e morfológicos abstratos, dentre outros elementos que compõem nosso conhecimento de língua, devem ser – todos eles – tratados como construções. Essa diversidade pode ser ilustrada pela imagem a seguir, que apresenta exemplos de diferentes tipos de padrões construcionais:

TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar</i> , <i>refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: <i>que mané férias</i> ; <i>que férias o quê</i>)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i>)
Padrão entoacional	Ascendente

Figura 1: *continuum* de construções gramaticais
Fonte: PINHEIRO, 2016

É importante dizer, também, que essa proposta salienta a organização das construções em uma rede. Isso quer dizer que os pareamentos de forma e significado que compõem nosso conhecimento linguístico não estariam elencados em uma lista, por exemplo, se configurando como um amontoado de informações aleatórias e desconexas entre si. O que se propõe é que essas informações estariam interconectadas, vinculando-se tanto por meio de afinidades semânticas e/ou formais quanto por meio de relações hierárquicas, isto é, de natureza taxonômica (DIESSEL, 2015).

Ao propor que a totalidade do conhecimento linguístico do falante pode ser capturada por meio de construções gramaticais, a GC se apresenta como uma alternativa ao “Dictionary and Grammar Model” – nos termos de Hilpert (2014). Associadas tipicamente à tradição

gerativa, propostas desse tipo partem do princípio de que haveria uma divisão estrita entre léxico e sintaxe. Nos anos 1980, alguns pesquisadores argumentaram que esse princípio criaria dificuldades para o tratamento das expressões idiomáticas semi-preenchidas, dado que elas não se configuram nem como elementos tipicamente lexicais (por serem produtivas) nem como elementos tipicamente sintáticos (por serem irregulares) (FILLMORE, 1985; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; LANGACKER, 1988). Foi essa circunstância histórica que acabou por levar tanto à emergência do modelo construcionista, para o qual a distinção tradicional entre léxico e gramática não existe, quanto a uma certa ênfase, pelo menos nos seus primeiros anos, sobre o problema dos idiomatismos sintáticos.

Este estudo se pauta, especificamente, na Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006), doravante GCBU. Primeiramente, destaca-se que esse modelo se apresenta como uma versão da GC que, alinhando-se à tradição cognitivo-funcional em linguística, assume uma perspectiva não modular. Em outras palavras, ele pressupõe que o nosso conhecimento linguístico é construído a partir das nossas habilidades cognitivas de caráter geral, como *chunking*, categorização e analogia, de modo que não haveria um módulo específico da linguagem.

Tomemos, a título de exemplo, a habilidade cognitiva geral conhecida como *chunking*, que consiste na estocagem, na nossa memória, de mais de um elemento de maneira que eles sejam armazenados e acessados em conjunto. Por meio dela, agrupamos, muitas vezes, de dois em dois, os algarismos que compõem nosso número de celular – otimizando as informações estocadas e maximizando nossa capacidade de retê-las. Paralelamente, também agrupamos, segundo o modelo, como uma unidade só, sequências de palavras que ocorrem frequentemente juntas, como “Eu te amo”.

A mesma lógica se aplica à habilidade de categorização. Considerando-se a cognição geral (isto é, não linguística), essa habilidade nos permite, por exemplo, agrupar coelhos e gatos no grupo dos mamíferos; mamíferos e aves no grupo dos animais, e assim por diante, estabelecendo categorias cada vez mais abstratas. Segundo a GCBU, essa mesma habilidade nos permitiria, por exemplo, agrupar as construções S V OD e S V OD OI dentro do grupo da construção Sujeito+Predicado.

Como consequência dessa ênfase sobre operações mentais de natureza indutiva, o modelo assume também que o conhecimento linguístico é abstraído do uso concreto (BYBEE, 2010). Isso, por sua vez, acarreta o fato de que a frequência, nesse modelo, acaba se revelando um fator relevante: enquanto, para modelos gerativistas, a alta frequência de uma dada sequência no uso não afeta o nosso conhecimento internalizado acerca dela, para o modelo

cognitivo-funcional da Gramática de Construções, ela pode ser responsável, por exemplo, pelo seu estatuto de construção autônoma. Assim, aqui, competência e desempenho não são entendidos como dimensões independentes do fenômeno linguístico – já que o uso linguístico (ou seja, o desempenho) influencia aquilo que é incorporado ao conhecimento subjacente (isto é, à competência linguística) e vice-versa.

2.2 Estrutura Informacional

Em *Information structure and sentence form*, Lambrecht (1994) explora o conceito de *informação*, defendendo a ideia de que, quando *se informa* alguém a respeito de algo, o que se faz é construir uma *representação mental* do mundo para o seu interlocutor. Essa representação é formada a partir de *proposições* – cujo conjunto compõe o *conhecimento* do ouvinte. Assim, aqui, conhecimento não tem a ver, necessariamente, com saber a verdade, mas, somente, com ter construída uma dada representação mental.

Esse conjunto de proposições pode ser ilustrado pela frase² “Eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo”³ (LAMBRECHT, 1994, p.51, tradução nossa). Esse enunciado inclui, pelo menos, os seguintes fatos: (i) há uma mulher; (ii) ela se mudou para o andar de baixo; e (iii) o falante a conheceu. Todos eles contribuem para a construção da informação sendo veiculada por meio dessa sentença e, portanto, são classificados como proposições.

Ademais, segundo o autor, a informação veiculada por meio de uma proposição resulta da combinação de dois tipos de informação: as novas e as velhas. Em outras palavras, a informação se subdivide em uma parte que se caracteriza como dada e outra que se caracteriza como adicional. Na frase citada anteriormente, a oração principal corresponde a uma informação nova, aquela que o falante, de fato, pretende informar ao seu interlocutor. No entanto, para fazê-lo, ele precisa se valer de uma oração relativa que ajude o seu ouvinte a estabelecer a referência para o sintagma “a mulher”. Essa oração, por sua vez, contém uma informação velha – a de que ela havia se mudado para o andar de baixo.

Assim, as proposições podem ser divididas em dois tipos diferentes. No caso da frase citada, as proposições (i) e (ii), ao contrário de (iii), se enquadram dentro da categoria de

² Os exemplos retirados de livros escritos em inglês serão traduzidos, enquanto os originais serão apresentados em nota.

³ I finally met the woman who moved in downstairs.

informações velhas, as quais são descritas pelo autor como *pressuposições*, ou seja, como “o conjunto de proposições léxico-gramaticalmente evocadas em uma sentença, as quais o ouvinte já sabe ou está pronto para pressupor no momento em que a sentença é proferida” (LAMBRECHT, 1994, p.52, tradução nossa)⁴. Por meio dessa citação, é possível notar que a pressuposição é algo necessariamente disparado gramaticalmente, e é por tal motivo que podemos atestar que tanto (i) quanto (ii) se enquadram nessa categoria. Isto é, o uso do artigo “a” em “a mulher” dispara a pressuposição de que, de algum modo, a existência de um indivíduo do sexo feminino específico já é compartilhada pelos interactantes. Da mesma forma, o uso de uma sentença relativa para veicular a segunda proposição a constrói enquanto pressuposição, já que evoca a ideia de que ouvinte e falante sabiam sobre a mudança da mulher para o andar de baixo.

Por fim, a proposição (iii) se enquadra na categoria das informações novas, sendo rotulada, na obra, como uma *asserção*. Esse conceito é definido como “uma proposição expressa por uma sentença, a qual se espera que o ouvinte saiba ou tenha como dada como resultado de ter ouvido a sentença proferida” (LAMBRECHT, 1994, p.52, tradução nossa)⁵. Em outros termos, no exemplo em questão, o objetivo do falante, ao enunciar a sentença “eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo”, é, em última instância, que seu ouvinte tenha como dada, ao final da enunciação da sentença, a informação de que o primeiro finalmente conheceu a tal mulher – logo, essa proposição se enquadra como uma asserção.

Esses três conceitos – proposição, pressuposição e asserção – serão importantes para a realização desse trabalho. Como se verá adiante, argumentaremos que, em um dos usos licenciados pela Construção de Contraexpectativa com Bem tratado na seção 4.2, o item “bem” funciona, à semelhança do artigo definido e das sentenças relativas, como um elemento formal que evoca pressuposição.

2.3 Teoria dos Atos de Fala

George Yule abre o capítulo “Speech act and events” do seu livro *Pragmatics* afirmando:

⁴ The set of propositions lexicogramatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered.

⁵ The proposition expressed by a sentence which the hearer is expected to know or take for granted as the result of hearing the sentence uttered.

“Na tentativa de se expressarem, as pessoas não somente produzem discursos contendo estruturas gramaticais e palavras, elas realizam ações por meio desses discursos”⁶ (YULE, 1996, p. 47).

Nesse perspectiva, a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1965; SEARLE, 1976) postula que determinados discursos performam atos específicos. Esses atos podem variar desde pedidos de desculpas e elogios até promessas e convites – na verdade, o tipo de ato depende, diretamente, da intenção do autor do discurso. Por exemplo, um enunciado do tipo “Você está demitido”⁷, como exemplifica Yule (1996, p.47, tradução nossa), é mais do que apenas uma declaração: ele encarna o próprio *ato* de demitir alguém.

No que tange à Teoria dos Atos de Fala, a proposta mais relevante para este trabalho é a tipologia proposta por Searle (1976), que prevê a existência de cinco categorias de atos de fala. Em primeiro lugar, é possível apontar os atos *declarativos*, que são aqueles que implicam uma mudança no mundo no momento em que são realizados. Por exemplo, quando um padre diz “Eu vos declaro marido e mulher”, ele não está atestando um acontecimento do mundo, mas sim, de fato, fazendo com que o casal na sua frente obtenha o status de casado, ou seja, de “marido e mulher”. Também exemplo dessa categoria é a frase já citada “Você está demitido”.

Além desses, existem também os atos *representativos* ou *assertivos*, que englobam as situações em que alguém simplesmente atesta uma conjuntura, seja ela verdadeira ou não. Exemplos desse tipo de enunciado são tanto “A Terra é redonda” quanto “A Terra é plana” – obviamente, um enunciado é verdadeiro e o outro é falso, respectivamente, mas ambos são uma representação de uma situação.

O terceiro tipo de ato de fala são os atos *expressivos*: aqueles em que a expressão de um estado psicológico do próprio falante está em jogo. Uma frase como “Parabéns” pode ser usada como reação a algo positivo feito pelo ouvinte. Já a frase “Sinto muito” pode ser usada para se referir a algo negativo realizado pelo locutor. No entanto, necessariamente, ambas expressam os sentimentos que o *falante* deseja demonstrar.

Outro tipo é o ato de fala *diretivo*. Por meio de se sua realização, o falante tem a intenção de que o ouvinte seja induzido/influenciado a fazer algo. Ou seja, esse é o caso de sugestões, pedidos ou mesmo ordens, como é observado em frases como “Me traz um café, por favor?” ou “Não toque nele”. Nesses casos, novamente, a intenção do falante não é a de apenas atestar

⁶ In attempting to express themselves, people do not only produce utterances containing grammatical structures and words, they perform actions via those utterances.

⁷ You are fired.

uma situação do mundo. Na verdade, ele quer influenciar o seu interlocutor a, respectivamente, nesses exemplos, lhe trazer um café ou a não tocar em algo ou alguém.

Por fim, temos o ato de fala *comissivo*, que expressa uma intenção do falante em relação a algo que ele mesmo planeja fazer. Ou seja, bons exemplos desse tipo de ato são as promessas, como “Eu voltarei amanhã”. Para além desses casos, podem também ser incluídas intenções de caráter coletivo, e não apenas individual, desde que a primeira pessoa esteja incluída, como em “Nós voltaremos amanhã”.

Essa tipologia será importante para a nossa proposta. Como se verá no capítulo 4, “Análise da Construção de Contraexpectativa com Bem”, argumentamos neste trabalho que os diferentes usos da CCB podem ser divididos, dentre outros parâmetros, com base no tipo de ato de fala que realizam.

2.4 Teoria das Implicaturas Conversacionais

A Teoria das Implicaturas Conversacionais, elaborada por Paul Grice, e apresentada em *Logic and conversation* (GRICE, 1975), parte do princípio de que, na interação humana, os interlocutores são cooperativos. Isto é, assume-se que, quando duas pessoas conversam, uma tenta não “confundir, enganar ou esconder informações” (YULE, 1996, p. 35, tradução nossa) da outra. A essa ideia geral, Grice se refere como princípio da cooperação, o qual é dividido em quatro subprincípios. Em outras palavras, ser cooperativo, nos termos do autor, significa seguir quatro máximas conversacionais específicas.

Em primeiro lugar, podemos citar a máxima da quantidade. Seguir esse subprincípio significa que, enquanto interlocutores cooperativos, fornecemos, no nosso discurso, tanta informação quanto é requerido. De fato, se um indivíduo A pergunta a um indivíduo B algo como “Você visitou seus pais?”, ao que o indivíduo B responde “Eu visitei a minha mãe”, é possível depreender pragmaticamente que B não visitou seu pai. Isso porque partimos do princípio de que o falante sempre fornece a informação completa – logo, se ele somente mencionou a visita à sua mãe, assumimos que isso decorre do fato de que ela foi o único parente visitado.

Já a máxima da qualidade diz respeito à nossa tendência de não afirmar algo que acreditamos ser falso, nem algo para o qual não temos comprovação empírica. Em português, há algumas expressões, como “até onde eu sei”, que sinalizam para o interlocutor que há um risco de que a informação dada em seguida não seja real. Logo, um enunciado como “Até onde

eu sei, eles estão morando juntos” sinaliza que o falante sabe que existe esse risco e, portanto, sabe que existe essa máxima.

Além disso, Grice também postula que exista a máxima da relação, segundo a qual não falamos algo que não tenha relevância para a situação discursiva corrente, por não ter conexão com o assunto que esteja sendo tratado. Isso quer dizer que, por exemplo, uma resposta possível para uma pergunta como “Que horas são?” seria “São quatro horas”. No entanto, dificilmente alguém responderia algo como “Pernalonga”, pois não há nenhuma relação com o que foi dito no momento anterior.

Por fim, o autor diz que seguimos também a máxima do modo, ou seja, procuramos sempre evitar obscuridade na expressão, ser breves, ser organizados na interação e não ser ambíguos. Sendo assim, o falante sinaliza sua ciência da existência dessa máxima com expressões como “isso pode parecer um pouco confuso” em “Isso pode parecer um pouco confuso, mas eu lembro de estar em um carro”⁸ (YULE, 1996, p.39, tradução nossa).

Como se pode perceber por alguns desses exemplos, há casos em que, apesar de o interlocutor não ter a intenção de não ser cooperativo de fato, ele precisa, por exemplo, mudar de assunto – ou seja, falar algo que não é pertinente ao assunto em curso, violando, em tese, a máxima da relação –, falar algo confuso – quebrando, em tese, a máxima do modo – e assim por diante. Ou seja, há casos em que ele precisa ir de encontro àquilo que é estabelecido pelas máximas.

Nesses casos, Grice defende que, para indicar justamente que o interlocutor não está querendo, de fato, quebrar uma máxima – ou seja, não está querendo ser pouco cooperativo – ele se utiliza de algumas expressões linguísticas, os chamados *hedges*, que se configuram como uma marca explícita do reconhecimento de que as máximas existem e da vontade de respeitá-las. Tanto é assim que, quando queremos mudar de assunto, usamos expressões como “mudando de assunto”; ou, quando não temos certeza a respeito do que falamos, podemos dizer algo como “não sei ao certo, mas...”.

Para além desses casos, há ainda situações em que a aparente quebra de máxima não é sinalizada explicitamente. Em *Logic and conversation* (GRICE, 1975), Grice diferencia o verbo *to implicate* (‘implicar’) do verbo *to say* (‘dizer’). Se observarmos o exemplo em que Charlene diz a Dexter “Espero que você tenha trazido o pão e o queijo”⁹, ao que ele responde “Eu trouxe o pão”¹⁰ (YULE, 1996, p. 40, tradução nossa), podemos verificar que, apesar de Dexter ter *dito*

⁸ This may be a bit confusing, but I remember being in a car.

⁹ I hope you brought the bread and the cheese.

¹⁰ Ah, I brought the bread.

apenas que trouxe o pão, pode-se dizer, dentro da diferenciação de Grice, que ele *implicou* que não trouxe o queijo. Essa *implicatura*, segundo a lógica da teoria do autor, se dá porque, assumindo o princípio da cooperação como válido (ou seja, assumindo que Dexter, enquanto parte de uma interação, tende a ser cooperativo e, portanto, a seguir as máximas), ele não pode ter quebrado, de fato, a máxima da quantidade. Na verdade, o que houve foi uma violação apenas aparente, que, por sua vez, disparou a implicatura em questão, ou seja, transmitiu uma informação de maneira implícita.

Sendo assim, segundo essa análise, temos a tendência de seguir o princípio da cooperação e suas máximas, sempre. No entanto, há dois casos em que isso parece não acontecer. No primeiro deles, protegemos o princípio por meio de marcadores linguísticos, os *hedges*, que sinalizam explicitamente nosso conhecimento e respeito pelas máximas. No segundo, esses marcadores não são utilizados. A aparente quebra de máxima acontece, no entanto, de tal modo que implicaturas são – por meio justamente dessa aparente quebra – disparadas. Sendo assim, o princípio da cooperação é salvo no momento em que o ouvinte infere que algo foi comunicado, pelo falante, para além do que foi dito textualmente por ele.

O que foi discutido nesta seção será importante para a análise de dois dos três usos em que a Construção de Contraexpectativa com Bem é licenciada. Mais especificamente, abordaremos, na seção 4.3.1, um uso em que há uma implicatura de pedido sendo disparada; e na seção 4.3.2, argumentaremos em favor do funcionamento da CCB como um *hedge*.

2.5 Teoria da Polidez

A Teoria da Polidez se baseia no conceito de *face*, que, nos termos de Brown e Levinson, em *Politeness* (1988), consiste em uma imagem pública de si mesmo que cada indivíduo tem e sabe que os demais também têm. Além da sua definição, outro ponto importante a respeito desse conceito é o fato de que ele se subdivide em dois polos: o positivo e o negativo. Sendo assim, de maneira bastante genérica, a face positiva é aquela relacionada ao nosso desejo de ser querido, desejado, apreciado pelos outros; e a face negativa é aquela relativa ao nosso desejo de liberdade, de ter nossas propriedades, direitos ou vontades livres de possíveis restrições por parte do outro.

Tendo isso em vista, o passo seguinte da argumentação dos autores é apontar para o fato de que há atos, existentes nas interações humanas, que são *inerentemente* ameaçadores da face de algum interactante. Esses atos, referidos como Atos Ameaçadores de Face (AAFs),

representam, em sua essência, uma ameaça à satisfação de alguns dos desejos – dentre aqueles mencionados acima – da face de algum dos interactantes. Por exemplo: ordens, pedidos e sugestões são *naturalmente* ameaçadores da face negativa de quem está sendo submetido a eles, já que, em alguma medida, o receptor está sendo coagido a fazer algo que não provém de sua própria vontade, mas sim da do outro. Além disso, discordar, criticar, desaprovar ou insultar o outro são atitudes que presumem, *necessariamente*, que o receptor não está tendo a sua imagem apreciada – logo, estes são atos ameaçadores da face positiva.

Nesse sentido, a proposta de Brown e Levinson é a de que, na interação entre os indivíduos, “qualquer agente racional vai procurar evitar esses atos ameaçadores de face, ou vai se valer de certas estratégias para minimizar a ameaça” (BROWN; LEVINSON, 1988, p. 68). Desse modo, é natural que, na interação comunicativa, apareçam certas estruturas ou expressões que funcionem como maneiras de sinalizar essa tentativa de minimização dos AAFs. Essas “maneiras” são aquilo que os dois autores formalizam como *estratégias de polidez*.

Na obra, são ilustrados alguns casos de polidez. Como instância de polidez positiva – aquela que tem como objetivo satisfazer os desejos da face positiva do interlocutor –, pode-se citar a demonstração de que aspectos da condição do outro são conhecidos, como em “Meu Deus, você cortou o cabelo!” em “Meu Deus, você cortou o cabelo! (...) Aliás, eu vim pedir emprestado um pouco de farinha”¹¹ (BROWN; LEVINSON, 1988, p. 103, tradução nossa). Aqui, claramente, o falante utilizou essa estratégia para minimizar uma ação que ele sabia que realizaria em seguida: a de pedir emprestado algo que era da posse do seu interlocutor – logo, algo que ameaçaria sua face negativa.

Ademais, como exemplo de polidez negativa – a que satisfaz os desejos da face negativa do interlocutor –, é possível mencionar a realização de um ato de fala indireto (GORDON; LAKOFF, 1971 *apud* BROWN; LEVINSON, 1988, p. 132) no lugar de um ato de fala direto. Ou seja, se, em vez de dizer algo como “Eu quero que você feche a porta”¹² (GORDON; LAKOFF, 1971 *apud* BROWN; LEVINSON, 1988, p.132, tradução nossa) – o que exprime, exatamente, o desejo do falante de que o ouvinte realize algo que fere sua face negativa –, o falante emprega uma interrogativa, como “Você pode fechar a porta?”¹³ (GORDON; LAKOFF, 1971 *apud* BROWN; LEVINSON, 1988, p.132, tradução nossa), ele utiliza uma forma em que o seu desejo não aparece explícito na sua fala, o que atenua a ameaça à face do outro.

¹¹ Godness, you cut your hair! (...) By the way, I came to borrow some flour.

¹² I want you to shut the door.

¹³ Can you shut the door?

O tratamento de Brown e Levinson para o fenômeno pragmático da polidez será diretamente relevante para a análise desenvolvida neste estudo da Construção de Contraexpectativa com Bem. Especificamente, como se verá na seção 4.3.1, procuraremos mostrar que, quando é usada em um contexto pragmático de pedido, a construção marca a ciência que o falante tem de que seu interlocutor não tinha a expectativa de submetido a esse ato – o qual, é necessário lembrar, se configura como um AAF. Com isso, há uma suavização do pedido, protegendo a face negativa do ouvinte.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que utilizamos para desenvolver esta pesquisa, os quais giram em torno de uma análise qualitativo-interpretativa de dados reais. Nesse tipo de análise, colecionamos algumas ocorrências da construção e, a partir delas, fizemos exercícios de interpretação.

Em primeiro lugar, cabe apontar nossas fontes. Primeiramente, buscamos por dados do nosso objeto de estudo em quatro *corpora* online anotados, por meio, apenas, do comando “bem”. No Corpus do Português, obtivemos um total de 9 dados; no Corpus Brasileiro, 1; no Corpus C-Oral, 0; e no Corpus do Museu da Pessoa, 0. Cabe ressaltar que a própria etapa da coleta de dados nesses *corpora* pressupõe uma análise interpretativa. Isto é, encontramos diversos usos ambíguos, em que não era de fácil distinção se a expressão se enquadrava dentro dos limites da nossa construção ou se o item “bem” tinha, de fato, um valor outro. Essa dificuldade foi intensificada pelo fato de que esses *corpora* são compostos por registros escritos (mesmo que, em alguns casos, registros escritos de situações orais), o que não nos permite ter acesso a uma parte emblemática da forma dessa construção, que é a sua prosódia. Dessa forma, talvez esses 10 dados encontrados nessas plataformas não correspondam, de fato, ao nosso objeto de estudo (e talvez tenhamos deixado para trás dados que se encaixariam). Ainda assim, não os excluimos da nossa análise.

Diante dessa situação, percebemos que a coleta de dados feita por meio de *corpora* anotados não seria suficiente para nós – tanto pela escassez quantitativa, quanto pela já mencionada dificuldade interpretativa gerada pela ausência da prosódia, tão marcada quando se trata dessa construção. Nessa perspectiva, partimos para uma alternativa que nos pareceu mais produtiva, que consistiu em anotar dados ouvidos por nós, juntamente a informações relevantes referentes ao contexto pragmático. No total, obtivemos 70 ocorrências desta maneira.

Tendo em mãos esse total de 80 dados¹⁴, nos debruçamos sobre eles tentando responder às nossas duas perguntas de pesquisa – isto é, aplicando, a cada um deles, as perguntas formuladas por nós. Ou seja, não apenas tentamos avaliar se seria possível encontrar um valor semântico-pragmático comum, como também buscamos entender qual seria esse valor.

¹⁴ A partir do capítulo 4, todos os exemplos citados (exceto (15) e (16), que são inventados) foram retirados dessa amostra de 80 dados.

4. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM

A análise qualitativo-interpretativa descrita no capítulo anterior é, em certa medida, um método introspectivo. Neste capítulo, pretendemos refazer os caminhos da nossa análise, expondo os raciocínios que nos levaram às nossas conclusões, de modo a torná-la mais acessível. Primeiramente, discutiremos a proposta de generalização, que consiste em propor para a construção o valor de contraexpectativa. Já no segundo momento, destrincharemos essa generalização em três usos diferentes às quais ela pode ser aplicada. Por último, apresentaremos algumas implicações teóricas decorrentes da descrição que terá sido feita.

4.1 Proposta de generalização: o valor de contraexpectativa

Como um primeiro passo para a análise do nosso objeto de estudo, podemos trazer alguns dados de uso real, coletados por nós, que servem de base para a descrição do fenômeno em questão:

- (9) Eu tinha uma sandália dessas, mas ela bem arrebentou.
- (10) Meu nariz bem sangrou hoje.
- (11) Tá tendo bem um festival de cerveja lá na vila.
- (12) Eu acho que dá bem pra pegar olho mágico e fazer aqueles efeitos de olho de peixe.
- (13) Me ligaram de manhã bem do presídio.
- (14) Vai ter um show bem lá no teatro.
- (15) Sua saia tá bem aberta.

Sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, a construção é dividida em dois polos: o da forma e o do significado. Sendo assim, primeiramente, passemos a uma breve análise da Construção de Contraexpectativa com Bem no tocante à sua forma. Observando os dados acima, podemos perceber que (9) e (10) são usos dessa construção em que o item “bem” aparece imediatamente antes do predicado; por outro lado, (11) e (12) são usos em que esse item aparece imediatamente antes do complemento verbal; em (13) e (14), ele aparece distante do verbo, precedendo um adjunto; e em (15), ele aparece antes do predicativo do sujeito.

Com isso, levando em consideração a proposta construcionista de que as construções estão organizadas em redes hierárquicas no conhecimento linguístico do falante, propomos que cada uma dessas três formas está relacionada a uma subconstrução subordinada à CCB. A figura a seguir ilustra essa proposta de rede:



Figura 2: Representação Construcional da Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB)

No entanto, na nossa pesquisa, a análise da forma não foi o foco principal, de modo que pudemos atestar, pelo uso, a existência das subconstruções, mas não desenvolvemos uma hipótese a respeito da semântica específica relacionada a cada uma delas. Nesse sentido, o foco principal do nosso estudo foram os valores que estariam no polo semântico da construção mais abstrata, a CCB – aquela representada, na imagem, no topo da rede. Em outros termos, procuramos saber se (i) todos os usos dessa construção a que tivemos acesso na nossa coleta de dados podem ser tratados como um mesmo tipo de uso; e se (ii) em caso positivo, qual seria o valor semântico-pragmático estável subjacente a ele.

Para tentarmos investigar as possíveis respostas para essa pergunta, primeiramente, podemos fazer um exercício de comparação: dadas duas frases exatamente iguais, a não ser pela presença da construção, qual parece ser a diferença semântico-pragmática entre elas? Para isso, podemos tomar como base duas frases inventadas:

(16) Eu vi um episódio de Game of Thrones.

(17) Eu bem vi um episódio de Game of Thrones.

Em nossa análise introspectiva, julgamos que a primeira frase parece ser bem sucedida quando a pessoa diz que viu um episódio da série em um contexto em que ela já via a série antes, por exemplo, e está apenas avisando que viu mais um episódio dentre outros. Assim, em

(16), o episódio que o falante viu pode não ser o primeiro da série a que ele assistiu na vida. Por outro lado, esse não aparenta ser o caso em (17). Essa frase parece ser muito bem sucedida se, por exemplo, o falante nunca viu a série antes e está contando uma novidade para seu amigo, ou se ele criticava e se recusava a assistir o programa, mas mudou de ideia. É claro que, de maneira geral, ambas as frases apresentam inúmeras possibilidades de contextos para serem inseridas. No entanto, pelo nosso julgamento, os contextos em que a frase (17) pode ocorrer (de forma pragmaticamente bem-sucedida) parecem ser aqueles em que, de algum modo, o fato de o falante ter visto a série quebra a expectativa do seu ouvinte, por se tratar de uma situação, por algum motivo, inusitada.

Para além de frases inventadas, durante a nossa análise, também pudemos atestar esse mesmo valor de quebra de expectativa em dados retirados dos *corpora online*. No dado a seguir, em que trouxemos também uma parte do contexto em que a frase com a construção está inserida, é possível observar que esse valor parece ser, também, discursivamente construído pelo autor ao longo de todo o trecho:

(18) Quanto a Cabral: réu pela 21ª vez, um espanto!, ele entrou com *habeas corpus* para sair do Complexo Penal dos Pinhais, em Curitiba, e voltar à Penitenciária de Bangu, no Rio, onde tem visitas fora de hora, bons colchões, comidinhas bacanas e um home theater de Zona Sul. Quem analisa é o ministro Gilmar Mendes, que cuida de casos correlatos e bem pode devolver Cabral para a Cidade Maravilhosa. Um escândalo a mais, um a menos... Isso, porém, é só parte da pesada pauta do Supremo neste ano eleitoral.¹⁵

Aqui, defendemos que o trecho “e bem pode devolver Cabral para a Cidade Maravilhosa”, sugere, por meio da CCB, que o falante calcula que o ouvinte não espera que Cabral seja transferido para o Rio. De fato, esse parece ser o caminho discursivo do jornalista: ele constrói a prisão de Bangu como aquela em que Cabral terá regalias – o que, enquanto presidiário, não se esperaria que ele tivesse. Há elementos textuais que reforçam essa tese, como a escolha lexical de “escândalo” para se referir a essa transferência. Assim, o escritor parece antecipar algum tipo de atitude ingênua do seu leitor, pressupondo que ele não vá esperar que o político vá para o Rio de Janeiro. Com isso, o uso da construção se mostra uma escolha linguística alinhada às demais que compõem a argumentação presente no excerto.

¹⁵ Dado retirado do *Corpus* do Português.

O dado presente no trecho a seguir também nos fornece material para análise:

(19) Não há como saber se Marielle Franco foi levada por uma torrente nova de horror, um agora também rotineiro trucidamento de militantes de direitos humanos da cidade grande. Mas de qualquer modo terá sido levada em uma confluência de barbáries. A vereadora do PSOL era feminista, defensora de direitos de negros, de favelados, da vida. É muito plausível que por isso tenha sido emboscada e morta. Mas a jovem política foi vítima também da institucionalização do crime ou do crime que toma as instituições. Sua morte bem pode ter sido encomendada por milícias, essa mistura de máfias com esquadrões da morte, de caráter paramilitar, integradas também por ex-policiais. Milícias e facções são o crime institucionalizado.¹⁶

Inicialmente, o escritor trabalha com a hipótese de que a então vereadora Marielle teria sido assassinada apenas por conta dos ideais que ela defendia. Há, após isso, uma visão diferente, em que o autor aponta para uma outra possível causa do assassinato: ele seria de interesse do crime institucionalizado. Nota-se que a segunda hipótese é introduzida por meio de uma conjunção adversativa, salientando um caráter de contrariedade entre as teses. É importante perceber, assim, que é após o estabelecimento desse contraponto que a Construção de Contraexpectativa com Bem é utilizada. Logo, dizer que ela veicula a ideia de contraexpectativa está alinhado às demais escolhas discursivas do autor. Ele cria uma expectativa no leitor a respeito de qual era o motivo da morte de Marielle; em seguida, ele apresenta uma outra razão, construída como contrária àquela inicialmente esperada e introduzida por meio da CCB, marcando a quebra de expectativa.

Sendo assim, a análise que defendemos é a de que todos os usos do item “bem” coletados por nós são manifestações diferentes de uma única construção, em cujo polo semântico reside o valor de quebra de expectativa. Isto é, a generalização semântica que propomos é a de que, ao utilizar a Construção de Contraexpectativa com Bem, *o falante marca a sua ciência de que o interlocutor tinha a expectativa de que o enunciado do falante não seria proferido*. Dessa análise, caso esteja correta, decorre a conclusão de que a CCB se configura como um *marcador de contraexpectativa*.

¹⁶ Dado retirado do *Corpus do Português*.

Ou seja, a hipótese que sustentamos é a de que, no dado (12), por exemplo, o falante fez uso da CCB por pressupor que seu ouvinte não esperasse ouvir que um objeto ordinário como um olho mágico – cuja função canônica é permitir que se veja através de portas – fosse capaz de ser utilizado para produzir um efeito de fotografia. Já em (10), paralelamente, o que propomos é que o falante pressupõe que seu ouvinte não esperava ouvir que uma situação excepcional de saúde tenha acontecido com a pessoa com quem ele fala.

É interessante ressaltar uma implicação da nossa hipótese. Em (10), já que propomos a existência de um valor de contraexpectativa, não esperamos que a construção seja usada, por exemplo, por um falante cujo nariz sangra constantemente e que entende isso como algo sabido pelo ouvinte. Do mesmo modo, observações análogas seriam válidas para os contextos dos demais dados que analisamos, ou seja, a construção teria de ser pouco produtiva em contextos em que o falante pressupusesse uma expectativa, da parte do ouvinte, de que o primeiro *fosse* produzir aquela sentença que ele de fato produziu. Dessa forma, ao fazer uma análise qualitativo-interpretativa de cada um dos dados registrados por nós, procuramos observar se esse era ou não o caso. Em todos os usos analisados, foi possível atestar um contexto de quebra de expectativa presente.

Nesse sentido, devemos apontar que, em se tratando de uma proposta de generalização, essa análise dá conta de descrever aquilo que há em comum entre todos os usos da CCB. No entanto, ela não é suficiente para capturar algumas particularidades que identificamos neles. Para tratar dessas idiosincrasias, destrinchamos os usos dessa construção em três, de modo que, nas próximas seções, pretendemos explorar as maneiras particulares como a nossa proposta de generalização se aplica a cada um deles.

4.2 Uso 1: quebra de expectativa em relação ao conteúdo proposicional

Defendemos, até aqui, uma proposta de segundo a qual a CCB marca a ciência do falante de que seu ouvinte não esperava ouvir aquilo que foi dito pelo primeiro – ou seja, a ciência de que aquilo que o falante disse quebra a expectativa do interlocutor. Neste momento, buscamos dar um passo além, propondo que, em um dos tipos de usos licenciados pela CBB – aquele ao qual estamos nos referindo como Uso 1 –, a contraexpectativa se dá em relação ao *conteúdo proposicional* denotado pelo enunciado proferido pelo falante.

Tomemos mais um de nossos dados anotados como exemplo:

(20) Tem bem uma menina que faz depilação aqui no condomínio.

Para realizar essa análise, primeiramente, retomamos o modelo lambrechtiano de tratamento da Estrutura Informacional (LAMBRECHT, 1994). O autor diz que a informação veiculada em um discurso é feita por meio de proposições. Essas, por sua vez, podem ser subdivididas em pressuposições (informações velhas) e asserções (informações novas).

Sendo assim, ao propor que, nesse caso, a quebra de expectativa ocorre em relação ao conteúdo proposicional, o que estamos defendendo é que uma sentença como (20) evoca uma pressuposição X e veicula uma asserção exatamente contrária a X. Isto é, propomos que a CCB, nesse dado, evoca a pressuposição de que não há uma pessoa no condomínio em questão que faça depilação, ao passo que a sentença veicula a asserção exatamente oposta: na verdade, existe uma pessoa naquele condomínio que faça depilação. Como se observa, é nessa oposição entre as duas proposições que reside a quebra de expectativa de que falamos na seção anterior.

Em outras palavras, estamos dizendo que, nesse tipo de uso, a generalização “o falante, por meio da CCB, marca a ciência de que o interlocutor não esperava ouvir aquilo que foi dito pelo primeiro” é traduzida, à luz das categorias analíticas tipicamente utilizadas para descrever a estrutura informacional dos enunciados, nos seguintes termos: *por meio da CCB, o falante evoca o pressuposto de que o ouvinte não esperava ouvir a asserção veiculada pelo primeiro*. Como, neste caso, a CCB sinaliza uma expectativa negativa do ouvinte em relação à asserção veiculada pelo falante, propomos que, nessas situações, a Construção de Contraexpectativa com Bem funciona como um *disparador de pressuposição negativa*.

4.3 Uso 2: quebra de expectativa em relação a normas de comportamento interacional

Enquanto no primeiro tipo de uso tratamos de explicitar como a nossa proposta de generalização se aplica à estrutura informacional do enunciado, no segundo tipo, pretendemos explicitar sua aplicação às normas de comportamento interacional. Esse tipo de uso se subdivide em dois, de modo que desenvolveremos nossa análise nas próximas duas subseções referentes a ele.

4.3.1 Uso 2a: quebra de expectativa em relação a normas de polidez

Para ilustrar o uso 2a da CCB, tomamos os seguintes dados como base para a nossa análise:

(21) Você bem podia fazer um carinho em mim.

(22) Tu podia bem fazer uma massagem se eu tomasse banho, hein.

O primeiro movimento que deve ser feito aqui é diferenciá-los do dado (20), de modo que possamos entender o porquê de eles não se enquadrarem no Uso 1. É importante destacar que, em (21) e em (22), não é possível afirmar que a quebra de expectativa se dê em relação ao conteúdo proposicional da sentença, uma vez que as asserções veiculadas se configuram como simples constatações de fatos óbvios e amplamente sabidos. Ou seja, por meio dessas sentenças, os falantes apenas atestam a possibilidade de que seus ouvintes têm de (i) fazer carinho; e (ii) fazer massagem em uma determinada circunstância. Sendo assim, não é possível dizer que essa constatação quebra a expectativa do ouvinte uma vez que se configura como algo esperado.

No entanto, apesar de o conteúdo proposicional da sentença corresponder a uma informação sabida pelo ouvinte, o *fato* de que o falante traz à tona esse conhecimento óbvio não é algo comum na interação. Segundo Grice (1975), existe uma máxima na interação conversacional, que todos seguimos em função de respeitar o princípio da cooperação, segundo a qual não damos mais informação do que é requerido: a máxima da quantidade. Ora, a veiculação de informações óbvias naturalmente se enquadra como potencial violadora dessa máxima, afinal, é difícil imaginar um contexto em que tais informações, cujo caráter é de amplo conhecimento, sejam requisitadas por alguém. Dessa maneira, a análise que fazemos aqui é a de que o uso dessa construção se dá em uma sentença em que há uma aparente quebra da máxima da quantidade, que, por sua vez, dispararia a implicatura de um pedido. Em outros termos, percebe-se que, ao produzir uma sentença como (21), na verdade, o falante está *pedindo* que o ouvinte faça um carinho nele.

Sabendo, então, que, nesse uso, a CCB é utilizada em um contexto em que há uma implicatura de pedido, podemos, mais uma vez, diferenciá-lo do uso anterior. Aqui, estamos tratando de atos de fala diretivos – como se pode ver, o falante de (21) quer induzir seu ouvinte a fazer um carinho nele. Por outro lado, os usos associados à classificação anterior se configuram como atos de fala assertivos – em que há apenas um fato do mundo sendo atestado.

Nesse contexto, propomos que a construção atua para suavizar esse pedido implicado, funcionando como uma estratégia de polidez (BROWN; LEVINSON, 1988). Isto é, se a construção marca a ciência do falante de que o ouvinte não esperava ouvir o que o primeiro

disse, aqui, especificamente, defendemos que o interlocutor não esperava ouvir a sentença do primeiro porque não esperava ser submetido a um pedido – já que, segundo Brown e Levinson (1988), pedidos são atos inerentemente ameaçadores da face negativa. Assim, o falante reconhece *gramaticalmente*, pelo uso da construção, o seu desejo de não realizar o AAF e, com isso, protege a face negativa do ouvinte. Nessa perspectiva, então, a CCB atua como uma estratégia de polidez negativa.

4.3.2 Uso 2b: quebra de expectativa em relação a normas de cooperação conversacional

Por último, apresentamos mais uma uso possível da CCB, que se caracteriza pelo fato de a quebra de expectativa dizer respeito a normas de comportamento interacional. Nessa análise, nos baseamos nos seguintes dados:

(23) Tô bem aqui em Madureira.

(24) Odeio ficar no ócio. Me dá vontade de comer. Ah, eu bem li o conto que a Gisele sugeriu.

No caso de (23), uma explicitação do contexto é necessária para desenvolver nossa análise. Tal ocorrência se deu em uma conversa de WhatsApp na qual se falava sobre um outro assunto, não relacionado ao fato de a falante do dado (23) estar em Madureira – da mesma forma que, em (24), há dois temas diferentes sendo discutidos. Nos dois casos, após o uso da construção, introduz-se uma nova temática a ser abordada na interação, não relacionada à discutida anteriormente – o que configura uma aparente quebra da máxima da relação (GRICE, 1975).

Nessa perspectiva, a nossa proposta é a de que a Construção de Contraexpectativa com Bem realiza a função de sinalizar que o falante sabe que não é esperado dele tal comportamento, que iria contra o princípio da cooperação. Desse modo, ela pode ser classificada como um *hedge* (GRICE, 1975), ou seja, como um marcador gramatical por meio do qual o falante atesta o reconhecimento da máxima da relação – protegendo assim o princípio cooperativo.

É importante ressaltar que, na nossa pesquisa, não fomos capazes de atestar empiricamente que um dado como (23) ou (24) de fato não se enquadraria no Uso 1. Afinal, tanto a construção pode estar sendo utilizada como um *hedge* quanto pode estar atestando uma quebra de expectativa em relação ao conteúdo proposicional, em um contexto em que o fato de a falante estar em Madureira ou ter lido o conto, por algum motivo, não são esperados por seus

interlocutores. No entanto, achamos que a análise proposta nessa subseção é pertinente para descrever esse dado, já que, intuitivamente, avaliamos que seria produtivo o uso da CCB em sentenças que introduzem novos tópicos na interação.

Em suma, é parte de nossa responsabilidade científica afirmar que não temos, até hoje, meios de atestar que dados como (23) e (24) são de fato evidência da existência desse tipo de uso ou que, na verdade, se configuram como manifestações do Uso 1. Ainda assim, acreditamos ser uma análise válida e, principalmente, importante de ser abarcada neste trabalho com a esperança de que futuros leitores, tendo ciência desse fato, possam colaborar nesse sentido.

4.4 Implicações teóricas

Diante da análise desenvolvida até aqui, podemos apresentar algumas implicações teóricas. Defendemos que a Construção de Contraexpectativa com Bem atua para apresentar determinados eventos enquanto contrários à expectativa do ouvinte. Isso implica que a construção estudada aqui pode se enquadrar dentro das Construções de Intersubjetividade de Verhagen (2005), uma vez que ela não tem propriamente um valor *semântico*, no sentido de que não constrói um objeto de conceptualização específico. Na verdade, defendemos que ela tem um valor *pragmático*, pois atua no gerenciamento da interação comunicativa dos interlocutores, atribuindo uma estruturação pragmática específica para o objeto de conceptualização.

Por exemplo: em uma sentença como “Pedro bem comeu goiaba”, a construção SVO constrói linguisticamente o ato de um agente atuar sobre um tema; a CCB, por outro lado, atua no gerenciamento dessa mesma informação na comunicação entre os indivíduos – especificamente, estruturando-a enquanto uma quebra de expectativa. Em outras palavras, ela é usada não para construir um objeto, mas sim para estruturá-lo especificamente enquanto algo que o falante assume que o ouvinte não espera ouvir.

5. CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, procuramos defender que a Construção de Contraexpectativa com Bem marca a ciência do falante de que o ouvinte não tinha a expectativa de ouvir aquilo que foi dito pelo primeiro. Tal generalização, da maneira como é formulada, não explicita as particularidades encontradas em três tipos de usos atestados na análise qualitativo-interpretativa de 80 dados encontrados e estudados. Portanto, ela foi dividida em três manifestações mais específicas, de modo que a sistematização geral do fenômeno pode ser ilustrada pela tabela a seguir:

	Quebra de expectativa em relação a...	Significado/função	Classificação da CCB de acordo com a função pragmática
Uso 1	o conteúdo proposicional	negar validade da proposição pressuposta	disparador de pressuposição negativa
Uso 2a	normas sociais de comportamento interacional	preservar face negativa do ouvinte	marcador de polidez negativa
Uso 2b	normas sociais de comportamento interacional	preservar face positiva do falante	<i>hedge</i>

Tabela 1: sistematização dos tipos de uso da Construção de Contraexpectativa com Bem

Sumarizando o que foi dito e traduzindo a tabela, observamos dois usos centrais da CCB. No primeiro, contraria-se a expectativa do ouvinte em relação ao conteúdo proposicional da sentença do falante, uma vez que este último faz uso da construção ao veicular uma asserção contrária à pressuposição evocada. Ainda, se essa quebra de expectativa se dá em termos de o falante evocar a pressuposição de que o ouvinte não espera ouvir o que ele disse, então a Construção de Contraexpectativa com Bem, nesse caso, pode ser classificada como um disparador de pressuposição negativa.

No segundo, o objeto da contraexpectativa do ouvinte não está mais no campo do conteúdo proposicional, mas sim no das normas de comportamento interacional. A diferença entre eles é que, no uso 2a, em que essas normas são especificamente de polidez e a construção preserva a face negativa do ouvinte, suavizando o pedido ao qual ele é submetido. Logo, se ela é uma estratégia de polidez que satisfaz os desejos da face negativa do interlocutor (posto que preserva sua liberdade), aqui, ela pode ser classificada como marcador de polidez negativa. Já

no uso 2b, em que essas normas são de cooperação interacional, a CCB é usada para sinalizar o respeito pela máxima da relação em um contexto de mudança abrupta de assunto. Com isso, nesse caso, ela se enquadraria dentro do conceito de *hedge* proposto por Grice (1975).

Existem diversos caminhos para dar continuidade a essa pesquisa. Aqui, destacamos três que nos chamam atenção. Primeiramente, seria interessante buscar entender a origem histórica do padrão. Nesse sentido, salientamos que, durante o levantamento de dados, observamos que diversos deles eram ambíguos, como “Minha saia tá bem aberta”, em que podemos tanto estar diante da CCB quanto de um “bem” intensificador. Tal fato nos levou a hipotetizar que o surgimento da construção tenha acontecido por reanálise: alguns usos do item “bem” com valor de modo, intensidade ou precisão carregavam também o valor de contraexpectativa. Com o passar do tempo, alguns ouvintes passaram a depreender, nesses casos, apenas o valor de quebra de expectativa, de modo que a CCB teria surgido com esse significado. Nada disso foi investigado por nós, mas essa parece ser uma hipótese possível de ser comprovada.

Além disso, é possível também analisar outros padrões construcionais com o item “bem” que, talvez, também se assemelhem semanticamente à CCB. Nesse sentido, destacam-se as construções Bem Que X (“Bem que minha mãe disse que ia chover”), Ainda Bem Que X (“Ainda bem que eu peguei o guarda-chuva”) e Se Bem Que X (“Se bem que logo logo eu chego em casa”). Pelo princípio da motivação maximizada (GOLDBERG, 1995), semelhanças formais apontam para semelhanças semânticas. Sendo assim, caso seja possível atribuir conexões de sentido entre os quatro padrões, isso seria uma descoberta que favorece a atualização de tal princípio.

Por fim, outro caminho bastante relevante é o estudo da forma da CCB, que não foi abordada nessa pesquisa, e da sua relação com a semântica proposta aqui. Propomos neste trabalho quatro configurações sintáticas que são licenciadas pelo padrão, mas não exploramos aquelas que geram sentenças agramaticais, como o seu uso em certas orações subordinadas:

(25) *Se ele bem me fizer um favor, eu posso ajudá-lo com o trabalho.

Assim, ao se estudar o polo da forma dessa construção, é possível levantar algumas perguntas, como: (i) quais os contextos sintáticos que licenciam ou restringem a CCB? e (ii) qual a relação entre as configurações sintáticas licenciadas e restringidas e a semântica do padrão?

O estudo da Construção de Contraexpectativa com Bem desenvolvido nesta monografia se ateve a questões semânticas e pragmáticas. Espera-se, contudo, que esse trabalho sirva como ponto de partida para outros estudos – afinal, como ficou evidente, há questões de diversas outras naturezas a serem discutidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, John L. *How to do Things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.
- BROWN, Penelope. LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language use*. 1988.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DETOGNE, Karina Pereira; LUQUETTI, Eliana Crispim França. O Estudo do item bem como marcador discursivo: uma perspectiva da linguística funcional para o ensino de língua materna. *Agenda Social*, v. 8, n. 2, p. 12-19, 2014.
- DIESSEL, Holger. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar (Eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2015.
- FILLMORE, Charles J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1985.
- FILMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, vol. 64, n. 3. Sep. 1988. Disponível em: <<https://bdgrdemocracy.files.wordpress.com/2014/04/regularityand-idiomaticity-cfillmore-1988.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). *Syntax and semantics 3: Speech arts*, p. 41-58, 1975.
- HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Applications to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- LANGACKER, R. W. *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1988.
- LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

SEARLE, John R. *A classification of illocutionary acts*. In: *Language in society*, p. 1-23, 1976.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

YULE, George. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

APÊNDICE

Dados encontrados da Construção de Contraexpectativa com Bem:

A. Corpus do Português

1. O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad se acotovelava com militantes para cumprimentar cadeirantes em meio a um calor de 38 graus. Era o lançamento da campanha de rua do vice de Lula em Teresina e do governador de o Piauí, Wellington Dias (PT), que tenta a a reeleição, mas bem pode ser uma cena para a campanha eleitoral na TV, que começa a ser veiculada dia 31.
2. Não há como saber se Marielle Franco foi levada por uma torrente nova de horror, um agora também rotineiro trucidamento de militantes de direitos humanos da cidade grande. Mas de qualquer modo terá sido levada em uma confluência de barbáries. # A vereadora do PSOL era feminista, defensora de direitos de negros, de favelados, da vida. É muito plausível que por isso tenha sido emboscada e morta. Mas a jovem política foi vítima também da institucionalização do crime ou do crime que toma as instituições. # Sua morte bem pode sido encomendada por milícias, essa mistura de máfias com esquadrões da morte, de caráter paramilitar, integradas também por ex-policiais. Milícias e facções são o crime institucionalizado.
3. Kardashian também usava um colar de pingente de coração. Na foto, estavam ainda Kendall e Kylie Jenner, mas muito menininhas. Afinal, a foto foi tirada em 1997, e Kylie tinha meses, e estava no colo de Kris. # Entretanto, Kylie já foi mãe e é agora ela quem pega a filha no colo. Talvez fosse isso que Kris estaria pensando quando recordou essa imagem. Na legenda, a socialite escreveu que estas são as "melhores memória" e escreveu ainda, em hashtag, que era uma mãe orgulhosa. E bem pode ser. Afinal, as três filhas na foto são bem-sucedidas. # Kim faz um sucesso na TV, moda e beleza, Kendall foi a modelo mais bem paga de 2017 em o mundo inteiro, e Kylie é, a os 20 anos, a mais rica de a família.
4. Quanto a Cabral: réu por a 21ª vez, um espanto!, ele entrou com *habeas corpus* para sair de o Complexo Penal dos Pinhais, em Curitiba, e voltar à Penitenciária de Bangu, no Rio, onde tem visitas fora de hora, bons colchões, comidinhas bacanas e um home theater de Zona Sul. Quem analisa é o ministro Gilmar Mendes, que cuida de casos correlatos e bem pode devolver Cabral para a Cidade Maravilhosa. Um escândalo a mais, um a menos... # Isso, porém, é só parte de a pesada pauta de o Supremo em este ano eleitoral.
5. Isso também é Ronaldo. A reclamação depois da falta? Só podemos especular, mas isso pode bem ter sido uma maneira de plantar uma dúvida na cabeça de Geiger: ele está longe de ser um árbitro inexperiente, uma vez que é sua segunda Copa do Mundo, mas ele também é humano.
6. Repórter escrevia texto com destaque para escândalos de corrupção e crise política # OSLO — O presidente Michel Temer bem disse que reuniu "o PIB de a Noruega" em seu encontro com empresários noruegueses na Associação dos

Armadores, em Oslo. Afinal, lá estavam dirigentes de grandes empresas do país, principalmente de o setor do petróleo, do gás e da indústria naval.

7. Em seguida, o paranaense e seus companheiros receberam seus números de prova e aqueceram para a São Silvestre ali mesmo, na baixa luz do estacionamento do prédio, sem nenhum tipo de glamour ou atenção da imprensa que cobre o evento. Faltando 15 minutos para a largada da elite masculino, os três atletas deram a volta pela Alameda Santos, paralela à Paulista, e pularam as grades de ferro, que servem de contenção, para se juntar aos demais adversários. Na hora que foi saltar, porém, Iser bem foi surpreendido. # "Quando eu estava pulando a grade, aconteceu uma coisa muito curiosa. Um rapaz colocou a mão em o meu braço. Aí eu conversei com ele rapidamente. Era um amigo de infância, lá da minha cidade, que estava morando aqui há alguns anos também. E eu falei para ele: 'Depois de a prova a gente conversa'. Nunca mais, depois da prova não teve como (risos)", afirmou.
8. Incrivelmente, o resultados alheios vieram. Nesta tarde, por exemplo, a vitória do Botafogo sobre o Guarany deixou o Clássico dos Clássicos instigadíssimo. # O lado vencedor daria um grande passo na classificação. O Timbu e a provável vaga ou o Leão, até então morto, vivíssimo. Na superação de um time mercedosamente criticado, o Sport bem foi além goleou por 3 x 0. # Em uma arena sem tanta gente, o Alvirrubro teve mais posse de bola, mas assustou pouco.
9. Ele também declarou que gostaria de ver uma versão da mesma história dirigida por outro cineasta – por exemplo Ava DuVernay ou Steve McQueen. # Pode bem ser que a arruaça branca que é mostrada em “Suburbicon” sirva para representar os eventos que os nacionalistas brancos vêm promovendo pelo país. # E talvez dentro desse filme viva uma farsa que leva em conta a indiferença dos brancos diante de uma catástrofe nacional.

B. Dados coletados por nós

1. Eu acho que teve gente que bem entendeu errado.
2. Eu tinha uma sandália dessas, mas ela bem arrebentou.
3. Minha mãe bem tem ciúme dela.
4. Eu bem percebi.
5. Eu bem tô com fome.
6. Eu bem podia conseguir tirar uma soneca no ônibus.
7. Eu fiz um brinco lindo, mas eu bem já vendi.
8. O Diogo bem podia levar os copos.
9. Bem tive vontade de provar o bolo de pote da Bella de Ovomaltine.
10. Eu acho que eu bem tirei foto da Minhoca.
11. O leite condensado tava baratinho, aí eu bem comprei três.
12. Meu nariz bem sangrou hoje.
13. Eu acho que meu mindinho bem tá fraturado.
14. Eu acho que eu bem desinstalei o Instagram.
15. O ônibus bem podia ficar preso no sinal.
16. Aquela ração era mais barata. Ou ela tava na promoção? Acho que ela bem tava na promoção.
17. Se tivesse um doce, eu bem comia.

18. Vou bem falar com o Ricardo amanhã na surdina.
19. Se eu não tivesse comprado roupa pra mim, eu bem teria comprado aquele macacão.
20. Eu bem comecei a fazer crossfit aqui em casa.
21. Eu bem fiz um resumo do Machado, do capítulo 5.
22. Gente, hoje bem tem festa junina na feira de São Cristóvão.
23. Caraca, meu Twitter bem foi bloqueado.
24. Bem vendi aquele colar que a Nathália gostou.
25. É porque antes foram indiretas. Era tipo: você bem podia pedir uma IC.
26. Ela bem esqueceu tua água.
27. Às vezes eu tô falando com você ou com a Clara, mas eu bem falo um pouquinho mais alto.
28. Odeio ficar no ócio. Me dá vontade de comer. Ah, eu bem li o conto que a Gisele sugeriu.
29. Quando tua mãe não tava aqui, eu bem filei umas três batatas fritas.
30. Cara, teve um dia que gastei 25 reais aqui e depois que eu concebi que tinha acabado de gastar 25 reais com comida, ainda virei e pensei “eu bem podia comer doce agora”.
31. Eu bem acho que eu vou pra Freguesia hoje.
32. Eu bem tava precisando de uma ficha de avaliação para a monografia.
33. A sua irmã bem veio aqui ontem.
34. Eu bem vi o Lucas dando monitoria.
35. Eu bem pensei em você hoje.
36. Eu bem vou trazer um negócio que tá no laboratório que é um.. um... um tubete.
37. Eu bem esqueci meu óculos na janela.
38. Essa calça sua solta tinta e eu bem não me atentei ao detalhe da calça.
39. Minha saia tá bem aberta.
40. Eu acho que dá bem pra pegar olho mágico e fazer aqueles efeitos de olho de peixe.
41. Você tem bem cara de Thanos.
42. Você podia bem fazer um carinho em mim.
43. Mas agora o Progressão tem bem propaganda lá em Saracuruna.
44. Eu acho bem que eu tenho roupa pra passar.
45. Tô bem aqui em Madureira.
46. Aquela botinha bonitinha que eu queria comprar pra tu tá bem na promoção lá.
47. Brendha, tenho bem um trabalho pra entregar amanhã, quer me ajudar não?
48. Outro dia a Maria Júlia levou bem um peixinho.
49. O caixa lá do fundo tá bem livre.
50. Tu vai trabalhar até que horas? Hoje tem bem uma reunião naquele bloco ali de baixo.
51. O menino do Zé tinha bem consulta no oftalmo.
52. Tua professora tá bem ali, ó.
53. A: Pai, me dá dinheiro pro ônibus.
B: Putz, só tenho 100 inteiro.
C: Clara, naquela bolsinha azul acho que tem bem um trocado.
54. Tá tendo bem um festival de cerveja lá na vila.
55. Encontrei bem sua mãe na chuva.
56. Pô, tem bem uma menina que faz depilação aqui no condomínio.
57. Vou alugar bem um negócio desse aqui pra tu ficar.
58. Então, ele é bem figurante nessa série, Os Impuros.

59. Não sei por quê, mas eu tava bem pensando nesse “bem”.
60. Tava bem precisando tomar uns guaraná e beijar umas bocas.
61. Pô, se eu vir o Diogo eu vou bem perguntar do computador.
62. Menina, tô bem pensando que hoje já é quarta-feira.
63. Tu podia bem fazer uma massagem se eu tomasse banho, hein.
64. Aí no semestre que vem a gente podia bem ler o capítulo de processamento da linguagem.
65. No segundo turno vou bem levar meu celular escondido e vou bem filmar.
66. No segundo turno vou bem levar meu celular escondido e vou bem filmar.
67. A: A Silvia podia deixar a gente fazer a prova na quarta.
B: Ela podia bem deixar.
68. Gente, tô bem não querendo ir na aula dia 12.
69. Me ligaram de manhã bem do presídio.
70. Vai ter um show bem lá no teatro.

C. Corpus Brasileiro

1. A eu queria sim, eu queria dizer que uma experiência que eu desejo pros meus filhos, e que, as pessoas me perguntam até hoje se eu não me arrependi de perder esses dois anos, eu digo eu não ganhei, eu não perdi nada, eu ganhei a minha vida, eu ainda bem falo, ganhei até um marido!